

tribuna da CIDADE

POR NURI ANDRAUS GASSANI



Presidente da Associação Comercial do DF

Dom João e dom Joaquim

Fugindo das tropas napoleônicas de Junot, dom João VI e a Corte Portuguesa vieram dar com os costados no Brasil, em 1808. O que para Portugal era um desastre que resultaria na perda da independência por mais de uma década, para o Brasil representou o início da libertação: elevado à categoria de Reino Unido, adquiriu o status de independência, que viria a se tornar realidade em 1822.

O primeiro passo para a autonomia, entretanto, foi dado em 1808 mesmo: a abertura dos portos "às nações amigas". A partir daí, a emancipação se tornou inevitável: viria, e era questão de tempo.

Nós, que viemos para Brasília há quase trinta anos, viemos para a Corte. Encontramos uma cidade administrativa, dependente do poder central, e impossibilitada de definir seus próprios rumos. Com tempo e a maturidade, essa condição passou a ser contestada. Não queríamos apenas ser comandados. Brasília demonstrava uma nítida capacidade de liderar. "Non ducor, duco!"

E Brasília passou a questionar as suas limitações. Fez o desenvolvimento de grande parte do Centro-Oeste, tomou o freio nos dentes e resolveu que queria a sua autonomia política. Demorou pouco, até: em 15 anos, fizemos a nossa história de democracia.

Agora, temos pela frente nova batalha, talvez a mais dura e mais decisiva: a do crescimento econômico, da ageração de riquezas e de empregos, da independência real. O Programa de Industrialização — PROIN — poderia ter sido a mola propulsora. Ainda não foi por incompreensões políticas. Será um dia, tenho certeza.

Mas a grande chance, que agora está claramente colocada a nossa frente, é a de sermos um porto seco. Temos um cerrado de alta produtividade e capacidade de exportação de grãos e cítricos. Precisamos importar insumos. Temos proteína vegetal que, transformada em carne, pode ser exportada para o mercado ávido. Pedras de revestimentos de alta qualidade estão à nossa volta, e o restante do País as consome em alta escala. Temos tudo para sermos um grande centro comercial de importação e exportação.

O que falta? Nada. Ou melhor, falta sim: definição política. A Cia. Vale do Rio Doce está aparelhando a Ferrovia Vitória — Minas, subutilizada com o advento de Carajás. Santa Luzia/MG já é um porto seco, e a Rede Ferroviária Federal já iniciou a implantação de um porto seco em Patrocínio. Os investimentos para equipá-las como portos secos já estão em 200 milhões de dólares. Aqui, falta só decisão. Os investimentos estão feitos: é só aproveitarem-se as instalações da Cibraem — silos, balanças, depósitos, armazéns, frigoríficos — e temos um porto seco. Ora, temos a ferrovia, temos o mercado, temos a capacidade produtiva. Temos a UnB formando especialistas em Relações Internacionais, temos as embaixadas do mundo inteiro aqui na cidade.

Falta apenas que o governador Joaquim Roriz tome a decisão que dom João VI tomou há quase duzentos anos: vamos abrir os portos do DF, ao País e às "Nações Amigas". É o rumo da independência.